

DOI: 10.47456/krkr.v1i23.46344

O uso do videoclipe “Eminência Parda” como fonte histórica da cibercultura para debates sobre Racismo Estrutural na Escola

The use of the music video "Eminência Parda" as a historical source of cyberculture for discussions on Structural Racism in Schools

Wheber Mendes dos Santos

Resumo: Este artigo discute o uso do videoclipe "Eminência Parda", de Emicida, como ferramenta cibercultural no ensino de História, com foco no racismo estrutural e na construção da identidade nacional brasileira. Através da análise do videoclipe e de discussões em sala de aula, foi possível relacionar elementos da cultura pop com questões históricas e contemporâneas, promovendo uma compreensão crítica dos alunos sobre as desigualdades raciais no Brasil. A experiência também revela o potencial dos vídeos musicais como fontes históricas e agentes de transformação social no ambiente educacional.

Palavras-chave: Videoclipe; Ensino de História; Racismo Estrutural; cibercultura

Abstract: This article discusses the use of the music video "Eminência Parda" by Emicida as a cybercultural tool in the teaching of History, focusing on structural racism and the construction of Brazilian national identity. Through the analysis of the music video and classroom discussions, it was possible to relate elements of pop culture to historical and contemporary issues, fostering a critical understanding among students about racial inequalities in Brazil. The experience also reveals the potential of music videos as historical sources and agents of social transformation in the educational environment.

Keywords: Music Video; Teaching History; Structural Racism; Cyberculture.

Introdução

A historiografia, enquanto campo de estudo, tem passado por transformações significativas ao longo do tempo, refletindo mudanças sociais, culturais e tecnológicas. A Escola Metódica de Historiografia, no século XIX, introduziu um enfoque rigoroso no fetichismo documental, que marcou o início de uma ciência histórica fundamentada na análise crítica de documentos oficiais. No entanto, esse paradigma começou a ser questionado, à medida que historiadores e pensadores de diversas áreas das ciências humanas começaram a discutir as limitações desse modelo e a explorar novas abordagens para entender o passado.

Com a introdução do homem como objeto de análise, conforme proposto por Michel Foucault, as ciências humanas expandiram seu escopo, permitindo uma reflexão mais profunda sobre as estruturas sociais e os contextos históricos. O surgimento da Escola dos Annales, com figuras como Marc Bloch e Lucien Febvre, representou uma revolução na historiografia ocidental, promovendo uma análise interdisciplinar que abarcava não apenas documentos, mas também a vida cotidiana e as experiências humanas.

Neste contexto de transformação, a análise das fontes históricas se tornou um campo em evolução, onde conceitos tradicionais foram ampliados. A obra "Fazer História", de Pierre Nora e Jacques Le Goff, trouxe à tona novas questões e problemáticas emergentes, refletindo sobre a história em tempos de rupturas sociais e políticas. O advento da história digital, por sua vez, introduziu novas ferramentas e desafios para a pesquisa histórica, democratizando o acesso à informação e alterando a forma como o passado é registrado e interpretado.

Um aspecto inovador que emergiu nesse cenário é o uso de videoclipes como fontes históricas. Desde sua ascensão na década de 1970, os videoclipes transcenderam sua função inicial como meros veículos de promoção musical, tornando-se expressões culturais que refletem e interrogam as dinâmicas sociais contemporâneas.

Neste artigo, discutiremos a evolução da historiografia e a importância das fontes históricas na análise do passado, com ênfase na intersecção entre música e imagem. Examinaremos, em particular, a experiência do videoclipe "Eminência Parda", do rapper Emicida, como um exemplo que não apenas documentação, mas também dialoga criticamente com as questões de racismo estrutural e identidade no Brasil, revelando as complexidades da construção histórica da nação e o papel que a cultura desempenha na formação da consciência coletiva.

Utilizaremos as composições de videoclipes narrativos de Coelho (2006) para pensar juntamente aos alunos do segundo ano do Ensino Médio de uma escola periférica, a qual fiz meu estágio durante

a formação inicial, as marcas do Racismo Estrutural na formação do Brasil.

A Historiografia e as Fontes Históricas

A Escola Metódica de Historiografia deixou uma marca indelével na História da Historiografia com seu foco no fetichismo documental. No século XIX, a ciência histórica começou a se consolidar como um discurso científico, orientada pela análise racional do passado através de documentos oficiais, que inicialmente serviam para registrar as histórias das nações e o progresso das potências europeias. Esse modelo historiográfico predominou até que um grupo de historiadores passou a questionar a utilidade da história, seus objetos e metodologias. As críticas se expandiram além dos debates entre diferentes vertentes teóricas e metodológicas, alcançando outras áreas das ciências humanas (Reis, 2005).

Com a introdução do homem como objeto de análise científica (Foucault, 2008), as ciências humanas ganharam terreno no discurso científico, aplicando métodos das ciências naturais para investigar esse novo objeto. O campo das Ciências Sociais, que ocupa uma posição ambígua em relação às ciências humanas, desempenhou um papel crucial na construção desse novo campo científico. Essa integração influenciou profundamente a análise das ciências humanas, revolucionando saberes estabelecidos.

O campo da história foi profundamente impactado pelas novas Ciências Sociais, especialmente pelas contribuições da Escola Francesa e pela ascensão da Sociologia. Na Universidade de Estrasburgo, no início do século XX, Bloch e Febvre se destacaram ao fundar a revista "Annales", que se tornou um marco na historiografia ocidental, promovendo uma análise interdisciplinar de diferentes objetos históricos (Reis, 2005). A revista "Annales" tornou-se um importante veículo para a popularização da historiografia, permitindo a análise de temas sob uma abordagem interdisciplinar e desafiando os paradigmas históricos da época.

A década de 1930 trouxe uma ampliação do conceito de fonte histórica, além da documentação oficial, embora a narrativa não tenha sido valorizada pelos fundadores da Escola dos Annales, Bloch e Febvre, por não apresentar uma utilidade científica (Reis, 2005). No entanto, na década de 1950, influenciada por diversas escolas de pensamento e pelo resgate das ideias de Bloch e Febvre, surgiu a Nova História, que se consolidou na França como um campo plural e descentrado, introduzindo conceitos de desconstrução e descontinuidade.

A obra "Fazer História" de Le Goff e Nora, dividida em três volumes - novos objetos, novos problemas e novas abordagens - representou um avanço significativo na historiografia ocidental, abordando questões emergentes em uma sociedade marcada por grandes rupturas, como a pós-guerra, a globalização e os movimentos de libertação sexual e racial (Reis, 2005). Michel Foucault influenciou profundamente essa geração com seu modelo de história baseado na problematização filosófica, desafiando a linearidade temporal e a ideia de evolução contínua da história.

A abertura ao conceito de fonte histórica, segundo Le Goff influenciado por Foucault, levou à observação dos documentos como monumentos. O historiador Marc Ferro, por sua vez, integrou o cinema como uma ferramenta útil para a análise historiográfica, abordando as imagens em movimento não apenas como ilustrações, mas como objetos de estudo com valor próprio (Ferro, 1994).

A história digital, um campo em constante evolução, delineia uma narrativa fascinante ligada ao surgimento e disseminação das tecnologias da informação. A digitalização de arquivos e documentos facilitou a preservação e democratização da informação histórica, com bibliotecas e arquivos disponibilizando coleções online e permitindo um acesso mais amplo aos detalhes do passado. A emergência das redes sociais e plataformas colaborativas também transformou a pesquisa histórica, como evidenciado por projetos de História Oral Digital.

No entanto, a história digital enfrenta desafios como a obsolescência rápida de formatos de arquivo e questões éticas

relacionadas à privacidade. Edward Ayers, em "O Futuro da História e o Futuro dos Historiadores" (2000), destaca a necessidade de uma abordagem crítica e reflexiva em relação à tecnologia. A história digital não apenas preserva e dissemina dados, mas também influencia a prática da escrita histórica, oferecendo novas formas de contar e interpretar o passado e de tratamento da versatilidade das fontes de acesso a esse passado produzido em redes.

Os vídeos, como expressão da cibercultura, oferecem uma perspectiva única sobre a interação entre tecnologia digital e cultura. Paul Virilio destaca como a digitalização reconfigura nossa percepção de tempo e espaço (Virilio, 1999). A capacidade de manipulação digital permitiu experimentações visuais inovadoras, como visto no trabalho de Michel Gondry. Sherry Turkle observa que a tecnologia é parte integrante da nossa identidade (Turkle, 2011), e os vídeos refletem as relações dinâmicas entre tecnologia e sociedade.

Como fontes históricas, os vídeos vão além da estética e da música, refletindo mudanças culturais e sociais e abordando temas como identidade, gênero, raça e política. Lev Manovich argumenta que a cultura digital se tornou a cultura predominante (Manovich, 2001), e os vídeos moldam essa cultura de maneira significativa. Michel Foucault lembra que a história deve ser uma análise crítica das práticas discursivas (Foucault, 1972), e os vídeos, como discursos visuais, exigem uma análise que considere seus contextos socioculturais e políticos.

Vídeos, cibercultura e análise historiográfica

O vídeo emergiu na década de 1970 como uma inovação tecnológica que uniu vídeo, canção e letra, resultando em uma forma concisa de mídia que se assemelha a um curta-metragem baseado em uma música. Nesse novo formato, o vídeo tornou-se um "filme musical", oferecendo uma experiência audiovisual integrada e inovadora. Artistas como Madonna, Michael Jackson e a banda Queen transformaram os vídeos em um elemento central da cena musical pop dos anos 1980, utilizando-os como o principal meio de

divulgação de suas obras. Essa combinação compacta de canção, letra e imagem revolucionou a forma como a indústria cultural americana orientava o mercado da música, tornando essencial a criação de videocliques para alcançar sucesso comercial, especialmente através da televisão, que era a principal ferramenta de mídia da época.

Com o tempo, o impacto da música pop cresceu de forma exponencial, influenciando não apenas a composição musical, mas também a moda, o comportamento e a subjetividade. A ascensão dessa mídia culminou na criação da MTV em 1981, um canal de televisão que se tornou icônico e serviu como referência para a juventude dos anos 1980, 1990 e 2000. Inicialmente, o videoclipe era predominantemente associado ao pop, mas sua popularidade rapidamente se expandiu para outros gêneros musicais. No Brasil, durante a década de 1990, o videoclipe de "O Diário de Um Detento" dos Racionais MC destacou-se como uma peça fundamental na representação de questões sociais, retratando o Massacre do Carandiru, um evento trágico ocorrido em uma das principais penitenciárias do país.

Com o advento da cibercultura, o papel dos videocliques foi significativamente transformado. Na era da televisão, videocliques eram exibidos em canais especializados, como a MTV, e o controle sobre a sua circulação e visibilidade era centralizado. No entanto, com a ascensão da internet e plataformas como o YouTube, essa lógica foi subvertida. Como observa Santaella (2003), a cibercultura é marcada por um processo de reconfiguração dos modos de circulação e produção de informação, o que inclui a descentralização e democratização do acesso ao conteúdo audiovisual.

Nessa nova lógica, os videocliques não são mais apenas um veículo de promoção de álbuns, mas tornaram-se produtos culturais por si só, consumidos e compartilhados de maneira massiva nas redes sociais. Segundo Lemos (2004), o espaço cibernético cria novas formas de sociabilidade, permitindo que os videocliques se tornem agentes de construção de identidades culturais e estéticas. Além disso, o próprio formato dos videocliques se alterou, com novos estilos e narrativas experimentais ganhando terreno na cibercultura.

A cibercultura trouxe novas possibilidades criativas para a produção de videocliques. A produção descentralizada, muitas vezes com recursos mais acessíveis, permitiu que artistas independentes criassem conteúdo audiovisual sem depender de grandes gravadoras e estúdios. Jenkins (2006) destaca que essa cultura participativa permite que usuários, consumidores e fãs assumam um papel ativo na produção e mixagem de conteúdos, algo que se reflete claramente na criação de videocliques amadores ou em colaborações entre fãs e artistas.

Outro aspecto relevante é a forma como os videocliques são consumidos no ambiente digital. Plataformas como YouTube, TikTok e Instagram permitiram uma distribuição quase instantânea e global, onde o vídeo não é mais consumido de forma linear, mas em fragmentos que podem ser mixados, compartilhados e reutilizados (Manovich, 2013). Isso cria novas formas de engajamento com a cultura pop, onde os usuários podem criar suas próprias narrativas a partir dos clipes originais, ampliando seu significado e alcance.

O videoclipe, antes um produto fechado e passivo, se torna um objeto aberto à participação. O exemplo de plataformas como Tik Tok é ilustrativo: vídeos musicais são remixados e reinterpretados pelos próprios usuários, gerando novas versões e camadas de significados. Como observa Castells (2003), a internet permite a construção de uma cultura multimodal e interativa, onde o receptor de conteúdo se transforma também em produtor. Isso pode ser visto em tendências como desafios de dança ou memes virais, que muitas vezes se baseiam em videocliques.

Além da mudança nos modos de produção e consumo, a cibercultura também facilitou a globalização do videoclipe. Artistas que antes eram restritos a públicos locais agora podem alcançar audiências globais em questão de horas. O sucesso de artistas sul-coreanos como BTS e BLACKPINK, cujos videocliques atingem centenas de milhões de visualizações rapidamente, exemplifica como a cibercultura possibilitou uma verdadeira "globalização da cultura pop" (Appadurai, 1996).

Esses vídeos não só transcendem barreiras culturais e linguísticas, mas também exploram linguagens visuais que ressoam com públicos diversos. Para Shaviro (2010), a estética do vídeo na era da cibercultura é caracterizada por "uma multiplicidade de influências visuais e sonoras, que frequentemente misturam o local com o global em formas inovadoras".

O historiador Marcos Napolitano, ao explorar fontes iconográficas e audiovisuais no Brasil, ressalta a importância de compreender a linguagem específica dessas fontes e sua conexão com as representações da realidade (Napolitano, 2012). Napolitano argumenta que, tradicionalmente, os historiadores se concentravam na letra das canções, negligenciando o impacto da música como um objeto de análise histórica. A evolução da indústria cultural trouxe um terceiro elemento crucial para a análise: a interação entre música e imagem, que muitas vezes é ignorada. Napolitano propõe duas decodificações essenciais: a técnico-estética, que examina os mecanismos formais utilizados pela linguagem audiovisual, e a representacional, que investiga os eventos e processos históricos representados (Napolitano, 2012).

No entanto, a análise proposta por Napolitano não aborda especificamente as composições audiovisuais que entrelaçam músicas e imagens. A decodificação técnico-estética pode ser útil para entender a produção do vídeo e da música de forma isolada, mas não captura completamente a complexidade das relações entre canção e vídeo.

Coelho (2003) argumenta que, devido à sua natureza fragmentada e anti-realista, o vídeo pode ser reduzido a um mero composto sensorial apelativo. No entanto, Coelho sugere que os vídeos possuem uma forma de funcionamento própria, onde as imagens não são apenas ilustrações, mas têm uma intencionalidade própria que deve ser observada em uma relação de dependência e independência comunicativa e midiática com a realidade. Assim, a análise histórica de vídeos deve reconhecer que a produção de sentido é moldada pela cultura histórica que permeia essas produções, entrelaçando o real e o ficcional.

Coelho identifica três principais tipos de narrativas em videoclipes (Coelho, 2003): narrativas lineares, que apresentam uma sequência de conflito e solução; narrativas não lineares, que oferecem informações dispersas sobre o artista; e videoclipes plásticos, que rompem com a narrativa tradicional. Por outro lado, Soares (2006), em seu artigo sobre metodologias de análise midiática, propõe uma abordagem que considera o videoclipe como uma camada visual adicional sobre a canção. Soares sugere uma análise que inclui a relação entre a canção e o vídeo, a identificação das materialidades expressivas dos gêneros musicais nos videoclipes e a compreensão do videoclipe como uma performance visual (Soares, 2006). Essa perspectiva amplia a análise ao considerar o videoclipe como uma interseção entre a música e a imagem, proporcionando uma visão mais abrangente da sua produção de sentido.

A experiência do uso de videoclipes no Ensino de História: Racismo estrutural a partir do videoclipe de Eminência Parda.

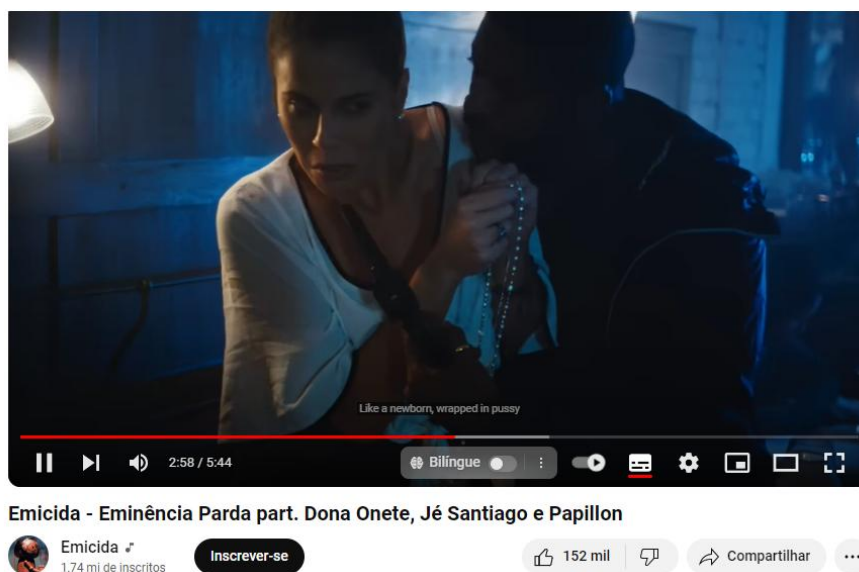
No início do semestre (2023.1), decidi trazer para a sala de aula uma abordagem diferente para discutir temas fundamentais sobre a história do Brasil e as questões raciais que permeiam a construção do Brasil. Foi em comum escolha com os alunos, utilizarmos o *Rap* e o *Hip Hop* nas aulas, por se tratarem de manifestações culturais negras que fazem parte das nossas rotinas individuais e coletivas.

Escolhemos, dessa maneira, utilizar o videoclipe de "*Eminência Parda*", do *rapper* Emicida, foi uma oportunidade única de abordar, de maneira contemporânea, a complexidade do racismo estrutural e a construção da nação brasileira. Desde o começo, foi possível perceber a curiosidade dos alunos, muitos dos quais já conheciam a obra do Emicida, mas ainda não tinham tido a chance de analisá-la dentro deste contexto em uma aula de História.

A primeira etapa planejada para a sequência didática foi a exibição do videoclipe. O videoclipe foi exibido em sala, e pedi para que todos prestassem atenção tanto na letra, quanto nas imagens, ritmo, sonoridade e metáforas visuais, utilizando as premissas analíticas de Soares (2006). Desde as primeiras cenas, que mostram

figuras do poder e a elite em posições de controle em um restaurante caro repleto de pessoas brancas que observam de forma estranha a chegada da família negra, muitos alunos já começaram a fazer anotações e trocar olhares, percebendo as mensagens ocultas e críticas presentes. Ao fim do vídeo, o silêncio momentâneo foi rapidamente quebrado por um comentário de um dos estudantes: *“Professor, isso fala muito sobre o Brasil de hoje, né?”*

Imagem 1: Captura de tela do videoclipe “Eminência Parda”



Fonte: autores

Esse foi o gancho perfeito para iniciar a primeira discussão. Perguntei como o videoclipe ajudava a revelar as estruturas invisíveis de poder na nossa sociedade. Muitos identificaram rapidamente que a crítica de Emicida vai além das questões contemporâneas, mergulhando na história do país e nas raízes da desigualdade.

Na sequência, ainda no mesmo dia, mas em outro horário iniciamos uma discussão sobre racismo estrutural (Almeida, 2019), onde expliquei que o termo se refere à forma como o racismo se manifesta não apenas em atos individuais, mas nas instituições e estruturas sociais que perpetuam a exclusão racial. Relacionamos isso ao videoclipe, que retrata o poder invisível que opera por trás das narrativas históricas e como ele molda a sociedade brasileira, desde a escravidão até os dias atuais e, através do tratamento dessa fonte, percebemos o quanto o passado invade o nosso presente.

Aqui, muitos alunos trouxeram exemplos de suas próprias vivências, reconhecendo que as oportunidades desiguais, a falta de representação nas esferas de poder, e a invisibilidade de histórias negras na educação são reflexos desse racismo estrutural. Essa discursa se tornaram pontes para os alunos se verem como participantes de uma sociedade que ainda é moldada por essas forças invisíveis.

Na semana seguinte, realizamos uma das discussões mais ricas foi sobre como o Brasil construiu a ideia de "democracia racial". Utilizei o videoclipe para mostrar como Emicida questiona a narrativa de um país miscigenado e harmonioso, que na verdade esconde séculos de exclusão e violência racial. Nesse ponto, muitos alunos perceberam a contradição entre o discurso oficial de que "somos todos iguais" e a realidade vivida nas periferias, nas escolas, nos locais de trabalho. Aproximando os alunos da interação entre o videoclipe e a sua realidade social.

Um dos momentos mais marcantes foi quando discutimos o conceito de branquitude (Bento, 2022) como uma forma de poder invisível, pactual, algo que o videoclipe aborda sutilmente, representando as elites e as estruturas que privilegiam determinados grupos em detrimento de outros, onde há um desenvolvimento histórico que interliga esse presente com as amarras da sociedade colonial-escravocrata.

Também exploramos como o videoclipe faz referência às lutas históricas e atuais da população negra. Trouxe figuras como Zumbi dos Palmares e discutimos como a resistência negra sempre foi parte da história do Brasil, mas que muitas vezes é apagada ou minimizada nos livros didáticos. Os alunos se engajaram profundamente com essa discussão, especialmente quando fizemos paralelos com movimentos como o Movimento Negro Unificado e o Black Lives Matter, os quais a maioria já conhecia de páginas da internet e do *Instagram*.

Ao final dessa experiência, ficou evidente o quanto o uso do videoclipe do Emicida abriu margem para uma discussão que ecoou sobre as realidades de alguns alunos presentes. Não só ofereceu um ponto de entrada para discussões sobre racismo e desigualdade, mas

também permitiu que os alunos refletissem sobre o papel que a história, a cultura e a sociedade desempenham na construção de suas identidades.

Os depoimentos dos alunos foram unânimes em destacar como o videoclipe proporcionou um novo olhar sobre temas que, muitas vezes, pareciam distantes ou abstratos. Ao conectar o passado e o presente, o videoclipe de "Eminência Parda" facilitou uma compreensão mais profunda das dinâmicas raciais e ajudou a construir uma consciência crítica coletiva sobre a história do Brasil e suas desigualdades.

Considerações Finais

A ascensão da história digital representa outro desdobramento essencial na historiografia contemporânea. A digitalização de arquivos e a democratização do acesso à informação histórica revolucionaram a forma como os historiadores pesquisam e interpretam o passado. A crítica reflexiva sobre o uso da tecnologia é fundamental para garantir que a digitalização não apenas preserve a história, mas também permita novas narrativas e métodos de análise.

Ademais, o videoclipe, como um fenômeno cultural e tecnológico, emerge como uma nova fonte histórica que captura as dinâmicas sociais e culturais contemporâneas. A interseção entre música e imagem oferece uma rica área de pesquisa, onde as narrativas visuais expressam e interrogam questões de identidade, gênero, raça e política. A análise dos videoclipes requer uma abordagem que vá além da estética, reconhecendo sua capacidade de influenciar e ser influenciada pelas realidades socioculturais em que estão inseridos.

A historiografia contemporânea, ao integrar metodologias tradicionais com novas abordagens, como a análise de videoclipes e a história digital, se coloca em um caminho dinâmico e inovador. Isso não apenas amplia o horizonte da pesquisa histórica, mas também nos convida a refletir sobre as múltiplas formas de construção do saber, levando em consideração a complexidade e a diversidade das experiências humanas ao longo do tempo.

A experiência de utilizar o videoclipe de "Eminência Parda" nas aulas de História mostrou-se extremamente eficaz para conectar os alunos com temas fundamentais da história brasileira, como racismo estrutural, branquitude e a construção da identidade nacional. Ao integrar cultura contemporânea com análise histórica, foi possível proporcionar uma nova dinâmica de ensino que valorizou tanto a música quanto a imagem como fontes históricas.

A escolha do videoclipe, uma mídia popular e acessível, que faz parte do repertório cultural dos alunos, demonstrou ser uma ferramenta poderosa para envolver os estudantes em discussões críticas sobre a sociedade brasileira. A abordagem interdisciplinar permitiu não apenas um estudo da história do Brasil, mas também a reflexão sobre questões atuais, como as desigualdades raciais e o impacto contínuo da colonização na estrutura social.

Ao final do projeto, os alunos manifestaram uma compreensão mais profunda das conexões entre o passado e o presente e desenvolveram uma postura mais crítica sobre as narrativas históricas que muitas vezes invisibilizam as experiências da população negra no Brasil. A iniciativa também abriu espaço para debates sobre a representação da negritude e os desafios enfrentados na luta por igualdade racial, oferecendo uma abordagem inovadora que pode ser replicada e expandida em contextos educacionais semelhantes.

Referências

- ALMEIDA, Sílvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019
- APPADURAI, Arjun. **Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization**. University of Minnesota Press, 1996.
- AYERS, Edward. **The Future of History and the Future of Historians**. In: History and Theory, Vol. 39, No. 1, 2000, pp. 1-15.
- BENTO, Cida. **O pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BURKE, Peter. **A Escrita da História: Nova Interpretação**. São Paulo: Editora Unesp, 2001.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede: A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**. Paz e Terra, 2003.

COELHO, R. L. As Relações entre Canção, Imagem e Narrativa nos Videoclipes. Belo Horizonte: Anais do XXVI Congresso da Intercom, 2003. FERRO, Marc. **A História e o Cinema**. Paris: Éditions du Seuil, 1994.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

JENKINS, Henry. **Convergence Culture: Where Old and New Media Collide**. New York University Press, 2006.

LE MOS, André. **Cibercultura: Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea**. Sulina, 2004.

MANOVICH, Lev. **Software Takes Command**. Bloomsbury Academic, 2013.

MANOVICH, Lev. **The Language of New Media**. Cambridge, MA: MIT Press, 2001.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura e Artes do Pós-humano: Da Cultura das Mídias à Cibercultura**. Paulus, 2003.

SHAVIRO, Steven. **Post-Cinematic Affect**. Zero Books, 2010.

SOARES, T. **A construção imagética dos videoclipes: canção, gêneros e performance na análise de audiovisuais da cultura midiática**. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia (Ufba). Salvador: 2006.

REIS, José Carlos. **A Escola dos Annales: Historiografia e Interdisciplinaridade**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

Rosenzweig, Roy. **Clio Wired: The Future of the Past in the Digital Age**. New York: Columbia University Press, 1997.

RHEINGOLD, Howard. **The Virtual Community: Homesteading on the Electronic Frontier**. Cambridge, MA: MIT Press, 1993.

VIRILIO, Paul. **A Estética da Desaparecimento**. Lisboa: Edições 70, 1999.

TURKLE, Sherry. **Alone Together: Why We Expect More from Technology and Less from Each Other**. New York: Basic Books, 2011.

Sobre o autor

Wheber Mendes dos Santos

whebeer@gmail.com

Licenciado em História (Uneal), mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação (UFS) na linha de Sociedade, Subjetividades e Pensamento Educacional. Especialista em Educação e Psicologia (FIECC). É membro do grupo de pesquisa Diálogos Interculturais e Linguísticos (DInterLin-UFS).